

# Nadar é escrever e vice-versa

**JULIO  
TRUJILLO**

Tradução  
Gabriel Bueno da Costa

## Nota da editora

O texto em espanhol – “Nadar es escribir y viceversa” – foi publicado no *Periódico de Poesía*, da Universidade Nacional Autónoma do México (Unam), em 8 de outubro de 2018 e está disponível em:

<https://periodicodepoesia.unam.mx/texto/nadar-es-escribir-y-viceversa/>

Agradecemos ao autor a autorização para publicá-lo.

Nadar é escrever  
e vice-versa

A poesia e a natação são relacionadas desde que no mundo existem água e humanos, talvez porque compartilhem um mesmo objetivo: ser um ritmo, educar a respiração e fluir. O nadador se faz escrita sobre a página da água e o poeta nada na água da página. E, claro, o momento culminante deste não tão caprichoso cruzamento de imagens é seu ponto de convergência: quando o poeta se lança literalmente na água.

Os poetas nadadores são diversos, mas talvez o primeiro tenha sido, famosamente, Heráclito, que na metade de um rio se deu conta de que não estava rodeado simplesmente de água, mas do acontecer. Baudelaire nos relata sobre Edgar Allan Poe que, jovem, era capaz de levar a cabo façanhas de grande vigor físico (o que contradiz a imagem mais para lânguida e palidinha que temos dele), e seus biógrafos confirmam que em certo verão nadou dez quilômetros contra a corrente, de Ludlams Wharf a Warwick, e que o retorno para Richmond foi feito energeticamente a pé... Os poetas da Geração de 27 também eram afeitos a esse esporte, e tal gosto se reflete em seus poemas, curiosamente, por meio da figura das nadadoras: Salinas, Alberti e Guillén escreveram composições sobre mulheres dando braçadas na água.

Da mesma geração, a hoje esquecida  
Concha Méndez é autora destes quatro  
refrescantes *octossílabos*:<sup>1</sup>

<i>Del mar salí llena de algas,</i>	Do mar saí cheia de algas,
<i>con el bañador ceñido.</i>	com o maiô apertado.
<i>Y tras andar por la isla</i>	E após andar pela ilha
<i>bajo un árbol me he dormido.</i>	sob um tronco cochilado. [N.T.]

Descanso merecido, sob uma árvore, para quem esteve nadando no mar. “A fadiga é o destino do nadador”, nos diz Gaston Bachelard em *A água e os sonhos*, e acrescenta: “O salto no mar reaviva, mais que qualquer outro acontecimento físico, os ecos de uma iniciação perigosa [...] É a única imagem exata do salto no desconhecido”. Pois não é o mesmo o cartesiano retângulo de uma piscina que a água violenta e imprevisível dos oceanos. Quem tenha nadado seriamente no mar, longe da costa, terá sentido a adrenalina de um perigo subjacente e a dependência, crucial, de uma respiração bem controlada, com pulmões, alvéolos e brônquios trabalhando sincronizadamente para manter um nado ótimo, rítmico, bem acoplado ao elemento no qual se está.

---

<sup>1</sup> Na contagem de sílabas poéticas em espanhol, distinta de como ela é feita em português e que nesse metro acaba por ser em grande medida análoga ao nosso heptassílabo. [N.T.]

Não acontece o mesmo com a escrita de poesia, que também se baseia na orquestração de um aparato respiratório para melhor discorrer? Um poema que respira mal se afoga, como um nadador no meio do mar.

Um poeta inglês se destaca por sua quase enlouquecida relação com o mar: Algernon Charles Swinburne, que embora tenha nascido em Londres passou longas temporadas junto às ondas na ilha de Wight. Vejamos uma de suas primeiras lembranças: “Em relação ao mar, seu sal deve ter estado no meu sangue desde antes de meu nascimento. Não posso me recordar de um prazer anterior ao de ser levantado no alto dos braços de meu pai e erguido entre suas mãos, depois lançado como a pedra de um estilingue pelos ares, gritando e rindo de felicidade, a cabeça à frente nas ondas que avançavam...”. Essa imagem de seu pai lançando-o no mar (a este último costumava se referir como “mãe”) o definiu para sempre, e a presença das águas violentas seria uma constante em sua poesia. Extravagantíssimo, também tocou em temas que eram tabu em sua época, como o sadomasoquismo, o lesbianismo, os rituais pagãos e muitas formas de pulsão de morte. Era alcoólatra e gostava que o açoitassem...

Ai, Swinburne. Em 1868, na Normandia, nadando no mar e já sem forças para retornar à costa, foi resgatado por ninguém mais ninguém menos que Guy de Maupassant. Para ele, nadar era um constante desafio, e chegou a se dirigir ao mar com estas palavras: “Uma vez mais, vou nadar contra ti, vou lutar, orgulhoso de minhas novas forças, com plena consciência de minhas forças sobreabundantes contra tuas ondas inumeráveis”. A natação entendida como uma resistência, e a poesia, claro, também. “Cada onda faz sofrer, cada onda açoita como uma correia”, escreveu, e podemos entender que essas ondas foram as primeiras a flagelar sua pele. Uma imagem de Victor Hugo teria fascinado nosso alucinado poeta: “a água está cheia de garras”.

Mas o mais conhecido de todos os poetas nadadores sem dúvida é Lord Byron (1788-1824), inimigo da teoria e viciado em ação. Manco de nascimento e obrigado a usar durante toda sua vida uma bota ortopédica, foi talvez esta circunstância a que o levou a compensar sua deficiência com incontáveis proezas natatórias, que incluem maratônicas sessões no Tâmis e no Tejo e perigosas imersões noturnas nos canais de Veneza, depois de alguma

farra, sempre com testemunhas, pois seu gosto de colocar o corpo à prova só era equiparável a seu gosto pelo exibicionismo. Uma dessas proezas é célebre: bom leitor de mitologia grega, Byron conhecia bem a história de Leandro e Hero, uma história de amor e natação. Hero era uma sacerdotisa de Afrodite que vivia no alto de uma torre em Sesto, na margem do Helesponto (hoje Estreito de Dardanelos); apaixonado por ela, Leandro nadava todas as noites até Abidos para vê-la, guiado por uma tocha que Hero acendia da torre. Numa noite de tempestade, a tocha se apagou, Leandro se confundiu e por fim morreu afogado: ao ver seu corpo inerte, Hero se lançou do alto. Este mito teve muitíssimos ecos na história da literatura, dos quais destaco dois: as linhas dedicadas por Ovídio em seus Heroides e nas quais Hero implora a Netuno que não se enfureça contra um jovem que nada, pois é mais digno dele atacar embarcações e frotas; e o magistral soneto XXIX de Gargilaso de la Vega, no qual ele expõe o desfalecimento do nadador e o faz falar assim às ondas nos tercetos finais:

*como pudo, esforzó su voz cansada,  
y a las ondas habló de esta manera  
mas nunca fue su voz de ellas oída:  
“Ondas, pues no se excusa que yo muera,  
dejadme allá llegar, y a la tornada  
vuestro furor ejecutá en mi vida”.*

como pôde,  
esforçou sua voz cansada,  
e às ondas discursou  
desta maneira  
mas sua voz não foi por elas ouvida:  
“Ondas, pois não  
se perdoa que eu morra,  
deixem-me lá chegar e no regresso  
vosso furor lançai  
em minha vida”. [N.T.]

Leandro não se importa de morrer, e sim de não conseguir ver Hero, e suplica às ondas que o matem apenas em seu regresso, mas as ondas não o escutam... Estando no Bósforo com um amigo, Byron não resistiu à tentação de desmistificar o mito e, sem pensar muito, se lançou junto com seu amigo às águas do velho Helesponto. E conseguiram, não sabemos exatamente depois de quantas horas de nado. O que sim sabemos é que há um poema resultado da façanha (“Written After Swimming From Sestos to Abydos”) no qual Byron, irônico, compara-se a Leandro e diz: ele perdeu sua vitalidade e eu meu bom humor, pois ele se afogou e em mim deu tesão. “As ondas” – escreveu também em *Childe Harold* – “reconhecem seu mestre”.

Nadar é escrever

e vice-versa



Nadar é escrever e vice-versa  
*Nadar es escribir y viceversa*

**Julio Trujillo**

Edição e preparação de texto  
**Maria Carolina Junqueira Fenati**

Tradução  
**Gabriel Bueno da Costa**

Revisão da tradução  
**Nicolas Llano**

Revisão  
**Andrea Stahel**

Projeto gráfico  
**Felipe Carnevalli e Paula Lobato**

Coordenação da coleção  
**Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati**

Composto em IBM Plex Sans

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira  
Belo Horizonte, abril de 2022  
Esta e outras publicações da editora estão  
disponíveis em **[www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)**

Este projeto foi realizado com recursos da Lei  
Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização:



Incentivo:



CULTURA



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**  
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA